

CARDEIRO, Fernando Henrique

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Ossos de festa

• Há quem descanse na praia, ou fazendo alpinismo. Alguns, trancam-se em casa e tratam de reler Machado de Assis. São os sábios. Wenceslau Brás, ex-presidente da República, passou 40 anos pescando lambaris. Pescou tanto que, ao morrer quase centenário, as redações acharam estar a notícia errada. Há muito já o davam como morto. Descobri que o mais prazeroso descanso é passar dias sem ler "Fernando Henrique" nos jornais.

Não creio existir país onde tantas vezes a imprensa se refere ao presidente da República. Os meios de comunicação são apenas o reflexo da sociedade e das estruturas de poder. As nossas são absurdamente personalizadas e giram em torno do poder central, em Brasília.

Nenhum presidente pode dizer, como disse Luís XIV, "o Estado sou eu". Mas é como se dissesse, porque os seus mínimos atos, os seus mais vagos projetos e as suas mais improvisadas palavras são minuciosamente apresentadas ao público como se fossem não só importantes, como todas de importância igual. Essa prática é um sinal de subdesenvolvimento das nossas instituições.

Não li, nestes relaxados dias de São Petersburgo e de Paris, o nome do nosso presidente mas, em compensação, ouvi muitas histórias sobre a sua passagem pela França.

Pelo que me contaram no Quartier Latin, onde se concentram os intelectuais da terra, foi ela muito menos exitosa que os relatos oficiais e oficiosos nos fizeram crer.

Ou seja: Fernando Henrique fez um bruto sucesso na Rive Droite, com os empresários e os gestores atuais do poder, e foi um fracasso na Rive Gauche, com os intelectuais e os dirigentes da oposição socialista. As expectativas em torno de Fernando Henrique eram muito altas.

A avaliação é de que esteve aquém do esperado.

"Fernando Henrique, tanto na entrevista, concedida no Brasil e publicada no 'Le Monde', como nos debates ao vivo, fugiu das propostas teóricas e reduziu as suas intervenções ao anedótico ou aos assuntos meramente conjunturais da política", disse-me um dos gurus da Fundação de Ciências Políticas.

"Nós, aqui, estamos acostumados a debater idéias, e quanto mais abstratas e gerais, mais interesse despertam. Esperávamos de um presidente que foi professor na Universidade de Nanterre a rara oportunidade de um debate de teses com alguém que exerce o poder.

Aliás, por que não quis visitar a sua antiga universidade?"

Não foi a Nanterre mas foi à praça da Sorbonne, onde o fracasso se deveu à péssima organização do debate que teve com alguns dos principais pensadores da sociedade francesa: Alain Touraine, Edgar Morin, Ignacy Sachs, François Borricault e, principalmente, Jacques Dellors, que foi presidente da União Européia e um pré-candidato respeitadíssimo à Presidência da República.

Repetindo o que já aconteceu em Brasília no início do Governo, quando um seminário com grandes estrelas internacionais não pôde ser acompanhado por quase ninguém, escolheu-se para o debate uma sala minúscula, com uma capacidade para apenas 60 pes-

soas. Os brasileiros da comitiva não quiseram ficar de fora, ainda que não soubessem francês, língua exclusiva das intervenções, que não tiveram tradução simultânea.

Em consequência, muitos intelectuais franceses interessados no Brasil não foram sequer convidados.

A imprensa local não se deu ao trabalho de saber o que se discutia e os repórteres brasileiros, monoglotas em grande parte, tiveram a maior dificuldade em acompanhar os trabalhos. Houve até quem julgasse ter ouvido a expressão *chose de loque*, e achasse ser a piada francês castiço. Traduzindo-se o erro de audição por "coisa de louco", foi ele colocado na boca de Fernando Henrique. *Loques*, em francês, quer dizer farrapos, e foram farrapos de idéias que recebemos por notícias.

Erro político grave foi não se ter programado um encontro do presidente com a direção do Partido Socialista.

Uma semana antes, Jacques Chirac estivera na Inglaterra e reservara duas horas para conversar com Tony Blair, líder do Partido Trabalhista e chefe da oposição.

Fernando Henrique não esteve com Lionel Jospin, ex-candidato à Presidência da República e líder dos social-democratas locais.

O único socialista com quem esteve, em uma cerimônia onde qualquer conversa mais profunda era impossível, foi o economista Michel Rocard, ex-primeiro-ministro francês que não ocupa hoje qualquer posição de relevo no Partido Socialista.

A reunião com os empresários contou com presenças importantes e foi muito bem-sucedida. Compareceram, numerosos, à recepção oferecida na Embaixada do Brasil, que também privilegiou membros da velha nobreza.

Parece que o embaixador Leite Barbosa tem especial encanto por brasões, que, na França, só interessam às revistas de fotos e futilidades, para alternarem com os atores de cinema. Os expoentes dos meios acadêmicos e da mídia primaram pela ausência.

RENATO ARCHER

A notícia mais triste desses dias foi a da morte de Renato Archer. Foi ele, desde o seu primeiro mandato de deputado, em 1955, um político nacionalista, interessado no desenvolvimento da ciência brasileira, especialmente da energia atômica, e um hábil colaborador de homens progressistas, como Juscelino Kubitschek e San Tiago Dantas.

Permanentemente interessado pela política externa, informava seu amigo Ulysses Guimarães sobre o que se passava fora das fronteiras brasileiras. Foi um excelente ministro de Ciência e Tecnologia, no Governo de seu adversário maranhense José Sarney. Era um conversador infatigável e encantador e, sobretudo, um otimista incorrigível, o que fará muita falta.